

Luiz Puntel: Pãodemia

Tomo a liberdade de publicar uma crônica a que tive acesso nesta pandemia. É de alguém que se reinventou nos seus dons. Bora ler?

Luiz Puntel | ACidadeON/Ribeirão
16/8/2020 06:50



A coisa é complicada. Não, nunca nem tinha pensado na hipótese. Imagine, de um dia para o outro, do nada, fecha tudo. Para tudo. Tudo? Isso, tudo. E no mundo inteiro, tá? Quando menino, sonhei mil vezes com um mundo em que, por um dia, por uma tarde, depois da escola, as pessoas todas sumissem e eu pudesse andar a cidade toda, sem ninguém nela. Vaziuzinha da Silva! Nesses sonhos, cansei de ser o único cliente de muitas Copenhagens sem caixa. Mas esse devaneio acabava logo, quando algum amigo batia à porta de casa, na rua Marechal, para irmos brincar na rua.

Os anos rolaram, os sonhos deram lugar ao fazer e ali, olhando só pro degrau a subir até o apartamento, coordenando as pernas, o mundo todo e sua pressa acelerada à toda a minha volta, pá! Vem a notícia: Pandemia e aquelas coisas terríveis que víamos em filmes estranhos. Gente! Será? E eu tenho que viver isso? Na hora pensei no ebola. Mas põe ebola nisso!

O Corona vírus deu logo uma, na humanidade dos 2020. Ficamos todos, dias tentando entender a coisa. De um dia para o outro, começamos um doutorado em infectologia. Em grupo. E descobrimos que o tal vírus vinha a ser a antítese humana. Pegava logo no que somos atávicos em fazer: viver juntos. Enfim, sabe-se lá como sairemos dessa!

Notamos logo que a coisa era uma hecatombe. Ou viria a ser, em dias. Dei uma certa pirada. Acho que, influenciado por filmes, ou por um cagaço inominável, corri ao supermercado. Armei o bunker para 6 meses de autonomia. Baixamos uma portaria no último diário oficial da casa. Ninguém entrava. Nem saía. Sapatos, máscaras, luvas, compras, tudo hi-gi-e-ni-za-do. Que desassossego!

E aprendemos as mil formas de comunicação virtual. Fomos aprendendo, na verdade. Isso enquanto tentávamos entender a coisa. Nada fácil. Instala app, liga o pc na TV e a transforma na Telebrás. Ah, sim, fiz faxinas., coisa que odeio! Mas fiz até dourar o varal de alumínio. Quando tudo tava muito limpo, nada mais a fazer, bunker abastecido, olhei para as paredes. Como é que a gente não pira agora? Não, nada de séries. Não! Fora o Sapiens, nada de leitura. A ansiedade não deixava. Mas, sim, vi mil lives no colo do meus tintos preferidos.

Também tinha ali uma rotina sendo aprendida com o trabalho na vida corporativa. Duzentas vídeo calls enfileiradas em um dia de trabalho. Rápido, dominei o que o Steve Jobs nunca nem aprendeu. Na verdade, foi até muito divertido essa fase. Não sabia se atendia o MS Teams ou se passava o bife. Felizmente, a convivência e o tempo os fizeram amigos. Mas, ao dormir, vinha uma certa preocupação: o que vamos fazer mesmo para não enlouquecer? E sabia que ainda tinha algumas noites de sono até que essa preocupação virasse um alien linguarudo cheio de baba ácida, doido para romper meu abdome em busca de presas que me contrariassem.

Por outro lado, sempre tive como válvula de escape as atividades manuais. Já fiz de um tudo para não pirar! Já fotografei, já marceneirei, já costurei, já cozinhei. Todo feito à mão me chama. E me tranquiliza. Pensei, trancado em casa, temos que arrumar isso logo. Ou toco fogo em tudo.

Aí inventei de mexer com pães de fermentação natural. Eu sabia, era um tema complicado. Um tema para gente complicada também. E a ocasião atendia as duas condições. Na verdade, era um assunto inacabado. Já tinha feito incursões anteriores, sem sucesso. Pensei, agora tenho tempo para isso. Resignado, e empolgado, se é que é possível que coexistam, fui à luta. Fui me empolgando. Aí recebi um incentivo aqui, um aplauso ali, os pedidos chegando e, nestes três meses, foram mais de 300 pães entregues.

O Olivier Anquier que se cuide, pois eu vou à luta!

Puntel, com vontadinhas, indo stalkear o insta #paodofer, do Fernando Gosuen